

RESENHA

ORALIDADE E POÉTICAS ANDINAS

ESPINO RELUCÉ, Gonzalo. *La literatura oral o la literatura de tradición oral*. 1ª ed. Lima: Pakarina Ediciones, 2010.

Vera Lúcia Cardoso Medeiros ¹
Louise Silva do Pinho ²

La Literatura oral o la Literatura de tradición oral, livro de ensaios de Gonzalo Espino Relucé, doutor em literatura peruana e latino-americana, foi publicado em 2010, embora circulasse desde 1999 em fotocópias no Peru, e é constituído de estudos sobre tradição oral dos povos andinos, literaturas orais, o ato de narrar e memória coletiva.

No primeiro ensaio, *El concepto de literaturas orales*, o autor propõe uma aproximação ao sistema da literatura oral, examinando o discurso hegemônico como aquele que constrói representações sociais. Para isso, faz um esboço sobre os primeiros trinta anos do século XX, período em que a cultura oral foi tratada como primitiva em razão de noções forjadas a partir dos conceitos de literatura canônica e de folclore. A hierarquia social estabelecida na constituição da América, onde a maioria indígena foi dominada pelos colonizadores, estendeu-se até o campo da cultura, de modo que as manifestações literárias de tradição oral dos autóctones foram consideradas, pelo discurso canônico, manifestações de cultura primitiva ou folclóricas.

Nesse período, a concepção de literatura vigente na América Latina, coincidente com a europeia, entendia a literatura local como “una representación civilizada de las capas sociales dominantes” (RELUCÉ, 2010, p. 15). Desse modo, a escrita era elemento determinante na definição de literatura, o que excluía manifestações literárias de caráter oral, como, por exemplo, a literatura quechua, desenvolvida no sul andino. No final do século XIX, surge a noção de *folklore*, significativamente distinta do conceito de literatura então dominante e que se referia às expressões de homens letrados. Entendia-

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé; coordenadora do projeto de pesquisa “Representações imaginárias do pampa gaúcho em manifestações de poéticas orais em circulação na região da campanha”.

² Acadêmica do Curso de Letras da UNIPAMPA Bagé; bolsista de Iniciação Científica Ações Afirmativas do CNPq no mesmo projeto.

se como folclore manifestações produzidas por sujeitos não-letrados, marginalizados e primitivos.

Em outra seção do primeiro capítulo de Relucé, encontramos a definição de literatura oral como processo de significações em que um discurso está sempre vinculado a um evento, de modo que ela não resulta um produto único, mas representa parte de um conjunto maior e de condições específicas, em que é imprescindível a existência de um narrador e um ouvinte.

Como testamentos da cultura oral da região andina, o leitor é apresentado a três textos, surgidos entre 1905 e 1925, *Tarmap Pacha Huaray*, de Adolfo Vienrich, *Nuestra comunidad indígena*, de Hildebrando Castro, e *Le Musique des Incas et ses survivances*, do casal Roul e Margarite Harcourt. O primeiro é anti-hispanista e examina a produção cultural indígena, em especial a quechua, apresentando *corpus* formado por versões recolhidas no centro do país. Ele propõe debate com o discurso hegemônico “... a fin de dar legibilidad a la literatura quéchua: legibilidad que va más allá del espacio de la cultura.” (RELUCÉ, 2010, p. 23).

Em *Nuestra comunidad indígena*, Hildebrando Castro registra várias manifestações da cultura oral, fixa relatos e canções de diversas zonas do país da serra norte e zona costeira de Piura, situada ao norte do Peru.

O último testamento da cultura andina, *Le musique des Incas et ses survivances*, escrito por Roul e Margarite Harcourt, merece atenção especial de Relucé. Trata-se de uma espécie de enciclopédia com registro de 204 peças musicais acompanhadas pelo registro do texto poético, cujo estudo leva à identificação de certas características predominantes nessas produções: redundância, reiterações, monotonia, irregularidade dos versos e ausência de rimas. A pesquisa do casal Harcourt, para o autor, é “la expresión del folclore, del discurso aceptado por la cultura dominante” (RELUCÉ, 2010, p. 25) e distingue “indígenas puros” de “mestiços”, o que indica a perspectiva antropológica e cultural adotada.

Na seção ‘Poéticas del olvido’, ainda no primeiro ensaio, o autor constata que um dos problemas das literaturas orais é a fixação do texto. No caso dos textos indígenas, a maioria chega até nós como fragmentos, já que sua sobrevivência depende da memória de quem os guarda e transmite. Outro problema para o estudo da literatura

oral inca é a língua andina. Sua transcrição para a língua espanhola, além de ser considerada difícil, faz com que se percam as construções e a sonoridade características da poética quechua e andina.

O segundo ensaio, *La literatura oral y Dialéctica del habla*, procura investigar aspectos da natureza da literatura oral: sua estrutura, as circunstâncias que a produzem e o que faz com que uma manifestação oral possa ser vista como literatura. O ato de narrar se dá por meio de um sistema comunicacional caracterizado pela existência de narradores-ouvintes entre os quais fica estabelecido acordo tácito que assegura espaço determinado para a existência da narração e reciprocidade entre quem fala e quem escuta. A narração é um evento único, bem como sua interpretação, que se altera a cada ocorrência desse evento.

O texto oral não é desprovido de história e está sujeito a mudanças ao longo do tempo, já que, por ser forma transmitida pela marca da voz, altera-se de geração a geração, embora alguns textos tenham seu ciclo acabado e permaneçam na memória como algo que alguma vez foi dito, caso das lendas e mitos sobre a origem dos povos andinos anteriores à colonização.

Ao retomar as articulações entre literatura oral e folclore, aí introduzindo a noção de etnoliteratura, Relucé lembra que os folcloristas do século XIX mantinham a divisão entre sociedade e periferia. Para o folclore, a literatura oral pertencia ao campo da literatura popular ou tradicional. Pela década de 1930, surge a ideia de culturas vernáculas. Mais tarde, as ciências sociais passam a associar os termos etnocentrismo e folclore, permitindo que a literatura andina seja designada como “literatura étnica”. Durante a década de 70, passou-se a empregar o termo *contraliteraturas* para formas discursivas não coincidentes com aquilo reconhecido pela cultura dominante como literatura, caso da literatura oral.

Após a apresentação desses diversos termos, o autor demonstra o entendimento de que nenhuma dessas classificações é satisfatória, considerando como ideal o emprego de expressões literatura oral ou literatura de tradição oral.

Com respeito a uma das categorias fundamentais da narrativa, o narrador, ganham destaque seu valor social na comunidade e as competências que o qualificam para transmitir a tradição de um povo. Relucé distingue ainda contador de histórias e

cuentero: contador é aquele que repete histórias, enquanto *cuentero* é quem conta com suas palavras o que as pessoas não são capazes de ver em seus povos.

O terceiro ensaio, *Tradición oral y memoria colectiva*, destaca que, para integrar-se à tradição, as manifestações orais devem ser transmitidas através das gerações, daí decorrendo sua função de guardião da História e dos saberes de um povo e seu caráter coletivo, ponto em que se diferencia das demais formas de memória. Essa modalidade de memória caracteriza-se ainda por evocar pensamentos totalizadores. É através da memória coletiva e oral que os índios andinos expressam sua cultura, que, desde a colonização, é tratada como marginalizada.

A lenda de origem dos incas, filhos do Sol e da Lua, na versão de Cristóbal de Molina, é apresentada como exemplo para o estudo da memória. Trata-se de relato de origem desconhecida, ainda repassado a homens e mulheres andinos e que possui mais de uma versão, as quais fornecem dados distintos sobre a derrota inca, de acordo com quem conta ou com a região onde é contada. Interessante é a versão atualizada da narrativa em mito compreendido como explicação ao desconcerto desses povos diante da tecnologia.

Em seguida, trata-se das pinturas indígenas apresentadas no *Cuarto Concurso de Testimonios y Primero de Dibujo y Pintura Indígena*, também portadoras da memória coletiva, como verifica-se na pintura *El indio que quedó mudo*, de José Isabel Ayay Valdéz, reprodução da invasão espanhola na América e do massacre dos nativos dessa região que ilustra a capa do livro de Gonzalo Relucé.

Neste capítulo, novamente é abordado o tema da memória coletiva, com destaque para visão grupal da história, traduzida em visão de mundo e em leitura do passado com a visão do presente, permitindo aproximação dos indivíduos da coletividade e definindo sua maneira de ser. Os textos de tradição oral, então, representam as peculiaridades dos povos.

O quarto ensaio, *La tentación del olvido – Historia, escritura y oralidad*, volta-se para uma questão específica do norte do Peru, região em que os negros, junto ao colonizador, ocupavam um nível social mais alto que o dos índios. A imagem do negro incorporou-se ao imaginário local e, na tradição oral, adquiriu outras significações, segundo as releituras que a coletividade fez ao longo do tempo, o que para a escrita

seria intolerável. Dessa forma, depreende-se que qualquer discurso de tradição oral, em algum momento de sua trajetória, adquire algum significado para a memória coletiva.

Ainda neste quarto ensaio, Relucé refere interessante ponto relacionado às tensões entre escrita e oralidade no espaço escolar latino-americano. Os professores contavam para os alunos versões diferentes das ouvidas por seus pais nos acampamentos e, com o passar do tempo, a versão difundida escrita pela escola foi assumindo o caráter de verdade, o que, em sociedades marcadas por diferenças e exclusões como as do continente, representou processo gradativo de toda uma cultura que não se valeu da escrita como forma de preservação.

Em *Manuscrito de Huarochirí, estrategias narrativas quechuas*, o autor analisa as estratégias narrativas de parte daquele é considerado o primeiro documento indígena das terras do sul da região Abya yala. Uma das estratégias identificadas é a reciprocidade entre Deus e os animais andinos (estes animais são respeitados pelos papéis que assumem nos rituais indígenas e pertencem à tradição oral andina). Outro aspecto é o frequente uso de conectores tanto para dar agilidade ao texto como para colocar em evidência as decisões tomadas ao longo do relato. Com respeito ao narrador, ele sempre procura isentar-se da responsabilidade sobre o que conta e faz reiteradas referências a terceiros.

O último ensaio, chamado *Actos de habla en los relatos de tradición oral. Notas sobre un relato oral cuzqueño*, pretende explorar o comportamento dos falantes na construção de relatos orais a partir da obra *De Saqsaywaman*, diálogo cuzqueño recolhido pelo autor, transcrito e analisado no decorrer deste último capítulo.

Para introduzir a análise, Relucé delimita seu entendimento dos “actos de habla” como as diferentes formas assumidas em qualquer comunicação oral, as quais geram conflito ou “desencontro inicial”, superado pelo acordo tácito entre os interlocutores.

De Saqsaywaman divide-se em dois momentos: no primeiro, os espanhóis queriam tomar o tesouro Inca (memória da história); no segundo, dois estudantes universitários partem em busca do mesmo tesouro e também fracassam (memória dos tempos atuais). Neste relato, o castelhano não é considerado uma língua eficaz para a comunicação, mas sim o quechua. Nem o colonizador, no passado remoto, nem os estudantes, no passado recente, conseguem acessar o tesouro porque não podem

reconhecer o mundo da “mama pacha” sem conhecer a língua dos incas, a língua ancestral. Ao comentar a incapacidade do estudante, o autor assim o define: “El estudiante, como producto de la civilización de occidente ha olvidado la lengua ancestral, la lengua de los runos, es de por sí, la negación de la cultura (su objeto de deseo es el tesoro, no la cultura andina)” (RELUCÉ, 2010, p. 109-110).

Finalizando, pode-se sintetizar os seis ensaios de *La literatura oral o la literatura de tradición oral* como estudo introdutório que, por um lado, retoma conceitos já consagrados na pesquisa sobre literatura oral ou literatura de tradição oral e, por outro, questiona-os, apresentando o tema a partir da perspectiva dos povos andinos, assim permitindo abordagens renovadas sobre oralidade, literatura e tradição no contexto da América Latina.

[Recebido: 30.mai.11 - Aceito: 03.jun.11]